

## A ARGUMENTAÇÃO EM CARTAS PRODUZIDAS POR ALUNOS DE ENSINO MÉDIO: RELAÇÃO ENTRE GÊNERO DO DISCURSO E ESTILO<sup>1</sup>

RAQUEL SALEK FIAD  
(UNICAMP)

### ABSTRACT

This paper presents some results of research involving the relation between discourse genre and style in the process of written language acquisition. The analysis is based on Bakhtin's concept of discourse genres, especially on the idea of relative flexibility and on the concept of style as choice and work on language. The methodology adopted is based on Ginzburg's "indiciary paradigm", since the research is focused in details in singular data that may be significant. The *data* is composed of fourteen letters written by ten high school students who were asked to write argumentative letters in response to a middle-aged man who has criticized Brazilian youth, with the purpose of convincing him that his opinions are wrong. The analysis shows that the students develop three basic argumentative strategies in their letters: they question or deny the arguments or reasons presented in the original letter, they present new arguments which contain either criticism of the writer or praise of the youth, and finally they present the alternative of a reconciliation of the opposite points of view. In this paper an analysis of the first strategy is presented, since it is the most frequently employed. It can be seen that in spite of the generalities and recurrences that are present in most letters, it is possible to affirm that when the students argue they manifest individual choices in the strategies employed, i.e. they employ what can be considered stylistic choices.

Este texto apresenta parte das análises realizadas no projeto de pesquisa *Análise das marcas da construção do estilo: um autor e vários textos, vários autores e um tema*, desenvolvido no interior do Projeto Integrado intitulado *Subjetividade, Alteridade e Construção do Estilo* (CNPq nº 521837/95-2).

Recupero resumidamente os pressupostos teóricos e metodológicos que vêm orientando nossas pesquisas, especialmente as concepções de linguagem e de estilo bem como a opção metodológica que adotamos.

Assumimos, uma concepção sócio-histórica de linguagem, que é aqui vista como lugar de interação humana, de interlocução. Tomada como atividade, como trabalho, a linguagem, ao mesmo tempo que constitui os pólos da subjetividade e da alteridade, é também constantemente modificada pelo sujeito, que sobre ela atua. Com base em Franchi (1987:12), entendemos que:

*A linguagem é ela mesma um trabalho pelo qual, histórica, social e culturalmente, o homem organiza e dá forma a suas experiências. Nela se produz, do modo mais admirável, o processo*

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no XII Congresso Internacional da Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL), realizado em agosto de 1999, em Santiago (Chile).

*dialético entre o que resulta da interação e o que resulta da atividade do sujeito na constituição dos sistemas lingüísticos, as línguas naturais de que nos servimos*

Esta concepção de linguagem permite-nos não só visualizar uma relação dinâmica e constitutiva entre o sujeito e a linguagem; dela decorre, muito naturalmente, uma concepção de estilo enquanto *escolha* e enquanto *marca de trabalho do sujeito na linguagem*, conforme proposto em Possenti (1988) (inspirado em Granger [1968]):

*Penso que por imposição dos meus pressupostos deverá ser esse traço – a escolha como fruto do trabalho – a opção que devo tomar para a configuração do estilo. Minha hipótese básica é que, se é verdade que há escolha e que esta escolha representa também o trabalho do “usuário” da linguagem onde a estrutura mais parece necessária (parecer necessária é consequência, em geral, do olhar ingênuo do leigo), a fortiori há escolha para trabalhar com um sistema de estruturação da realidade que não é estruturado, no sentido técnico, como é a língua natural (p. 157).*

A concepção de estilo como *escolha* e como *marca de trabalho com a linguagem* é assumida em nossos trabalhos sobre aquisição da linguagem nos quais se busca flagrar a emergência dos traços individuais associados à atividade de escrita, ou seja, o processo mesmo da construção de um estilo. Esta é, portanto, a concepção de estilo com a qual se vai operar, porque coaduna-se com a concepção de linguagem assumida e porque aplicável aos sujeitos da pesquisa, que não são, certamente, escritores famosos, mas simples “usuários” da linguagem em processo de aquisição da escrita.

A metodologia adotada nas pesquisas deste projeto foi tema do Projeto Integrado anterior, *A relevância teórica dos dados singulares na aquisição da escrita*. Além de focalizar um aspecto, em aquisição da linguagem, sobre o qual inexistia conhecimento prévio, a questão de investigação do presente projeto – manifestação do estilo em aquisição da linguagem – define necessariamente sujeitos reais e comportamentos singulares como lugar privilegiado de reflexão. O paradigma indiciário (cf. Ginzburg, 1968), associado a procedimentos abduativos de investigação (cf. Peirce, 1990), oferece-se como o quadro epistemológico mais adequado para esse tipo de investigação. Pois *é um modelo epistemológico fundado no detalhe, no “resíduo”, no episódico, no singular, a partir do pressuposto de que, se identificados a partir de princípios metodológicos previamente definidos, os dados singulares podem ser altamente reveladores daquilo que se busca conhecer* (cf. Abaurre et alii, 1997).

Optamos, portanto, por esse paradigma e por procedimentos abduativos de investigação, por havermos identificado uma questão com relação à qual não existem, ainda, hipóteses explicativas previamente elaboradas, a serem confirmadas ou infirmadas. Trata-se, sim, de elaborá-las a partir dos indícios, das marcas, dos sinais presentes nas próprias escritas dos sujeitos.

As questões que me interessam visam discutir principalmente as relações entre estilo e gênero discursivo, entre estilo e tema e entre estilo e marcas de reelaboração presentes nos textos.

A teoria em que me apóio para fazer a reflexão sobre gêneros é a de Bakhtin (1992 [1974]), que defende a idéia de que sempre que utilizamos a linguagem o fazemos através de gêneros do discurso. Ao discutir as relações entre os enunciados e os gêneros do discurso, Bakhtin salienta, de um lado, a individualidade do enunciado (visto como o

lugar onde a língua se realiza) e, por outro, a variedade dos gêneros do discurso, que se relacionam às diferentes esferas das atividades humanas. O estilo está ligado ao enunciado e aos gêneros do discurso pois, por um lado, o enunciado é individual, isto é, possui um estilo individual, mas, por outro, nem todos os gêneros do discurso favorecem essa manifestação do individual nos enunciados. O estilo, entendido como a seleção dos recursos linguísticos feita a partir das possibilidades oferecidas pela língua, não pode, portanto, ser estudado independentemente do gênero do discurso. Finalmente, tanto a escolha dos gêneros como a escolha do estilo do enunciado (ou seja, dos recursos linguísticos) são decorrência da assunção de que cada enunciado tem autor e destinatário.

Discuto as marcas de construção do estilo, ou da construção da individualidade na escrita, a partir da análise de textos de vários autores em um mesmo gênero e sobre um mesmo tema. A comparação de diferentes momentos da escrita de um texto bem como a comparação de diferentes textos de um mesmo autor permitem o levantamento de marcas que indiciam o trabalho que o autor vai realizando com a linguagem. É a construção do estilo que permite falar em construção do autor.

Também Bakhtin assume a concepção de *estilo* como seleção dos recursos linguísticos feita a partir das possibilidades oferecidas pela língua ao propor o conceito de enunciado:

*O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua - recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais -, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. (p.279, grifos meus)*

Uma questão a ser discutida é a relação entre a escolha do gênero do discurso e o domínio do mesmo. Na realidade, estou retomando novamente Bakhtin, ao afirmar que a primeira seleção efetuada é a do gênero:

*O querer-dizer do locutor se realiza acima de tudo na escolha de um gênero do discurso. Essa escolha é determinada em função da especificidade de uma dada esfera da comunicação verbal, das necessidades de uma temática (do objeto do sentido), do conjunto constituído dos parceiros, etc. Depois disso, o intuito discursivo do locutor, sem que este renuncie à sua individualidade e a sua subjetividade, adapta-se e ajusta-se ao gênero escolhido, compõe-se e desenvolve-se na forma do gênero determinado. (p.301)*

No entanto, o trabalho do autor a partir de um dado gênero pressupõe um conhecimento do gênero:

*A maior parte desses gêneros se presta a uma reestruturação criativa (de um modo semelhante aos gêneros literários e, alguns deles, num grau ainda mais acentuado), mas um uso criativo livre não significa ainda a recriação de um gênero: para usá-los livremente, é preciso um bom domínio dos gêneros. (p.303)*

Estas reflexões permitem pensar também em textos de autores não literários e estudantes, como é o caso dos autores aqui analisados. Entendo que podemos dizer que o autor opera uma seleção do gênero do discurso também em função do domínio que ele tem dos gêneros. Mais ainda, quanto maior o domínio desse gênero, maior o trabalho

que o autor efetua nas demais seleções que vai realizando durante a sua escrita (seleções quanto aos aspectos textuais, gramaticais, lexicais).

Considerando, então, que os gêneros são *tipos relativamente estáveis de enunciados*, elaborados por cada esfera de utilização da língua, com características temáticas, composicionais e estilísticas próprias, a questão do estilo individual será discutida entendendo que o estilo dos gêneros pode ser modificado pelos estilos individuais. A *relativa estabilidade* dos gêneros permite esta interpretação, sabendo-se que, de gênero para gênero, haverá maior ou menor probabilidade de ocorrerem as modificações individuais.

O *corpus* analisado nesta pesquisa visando discutir as questões envolvendo os gêneros e o estilo individual compreende textos de alunos de ensino médio, já coletados e organizados. Esse *corpus* foi constituído a partir da coleta realizada por uma bolsista do Projeto Integrado, em situação escolar, visto que a bolsista era professora das três classes de ensino médio onde se deu a coleta. Todas as classes eram de uma escola pública da cidade de Americana (SP) e a coleta foi realizada no ano de 1993. Como um dos objetivos da pesquisa era analisar as marcas de reescrita presentes nos textos, já que essas marcas vinham-se mostrando como privilegiadas para se observar o comportamento singular dos autores, foi solicitado aos alunos - autores dos textos - que mantivessem todas as versões dos textos, com todas as reelaborações realizadas, fossem elas resultantes de recomendações feitas pela professora ou de iniciativas dos próprios autores.

Nas dezesseis situações de escrita, nas três séries, houve somente uma situação de escrita de carta, na 3ª série. Não é surpreendente esse quadro, principalmente considerando-se que são textos de alunos de ensino médio, momento em que as produções de textos nas aulas de língua portuguesa têm-se dedicado a temas e gêneros que são “cobrados” nos exames vestibulares e sabemos que as dissertações e narrações têm sido priorizadas em grande parte dos exames vestibulares no país<sup>2</sup>.

O exame vestibular Unicamp apresenta três propostas para a redação. Ao escolher uma das propostas, o candidato escolhe, ao mesmo tempo, um *tema* a ser desenvolvido em um *gênero* específico. Segundo Abaurre et alii (1993:27),

*São dois os motivos que explicam tal decisão:*

*- O pressuposto de que, dados três temas, você tem a possibilidade de escolher aquele que tem condições de desenvolver melhor, no tipo de texto especificado.*

---

<sup>2</sup> Dissertações e Narrações são tratadas aqui como gêneros caracterizados pela situação de produção escolar: são considerados gêneros escolares do discurso (cf., a respeito, Rojo, 1999).

Observando-se manuais de ensino de redação, não resta dúvida de que a ênfase é nos textos dissertativos e argumentativos, sem mencionar livros didáticos de língua portuguesa que privilegiam o ensino de textos dissertativos e narrativos. Quanto a estes últimos, cf. Abaurre et alii, 1998. Em um livro que discute a produção de textos na escola e propõe alternativas, Gil Neto (1988:115) sugere que “Uma outra modalidade textual presente e útil na vida dos alunos e das pessoas é a correspondência”, propondo a escrita de cartas familiares, nas cartas para pedidos de emprego, nos requerimentos. Ao perguntar “O que tem de especial a correspondência? Do que se compõe uma carta?”, o autor fornece uma série de exemplos de cartas, sugerindo assim uma resposta às suas perguntas.

- *A certeza de que é possível avaliar, na sua redação, as mesmas habilidades, qualquer que tenha sido sua escolha quanto ao tipo de texto.*<sup>3</sup>

No *corpus* analisado, por se tratarem de textos produzidos em escola da região de Campinas, onde a influência do Vestibular Unicamp é muito forte, ocorreu com mais frequência a escrita de narrações do que de dissertações e, mais ainda, ocorre uma situação de escrita de carta. É bom lembrar que boa parte das situações de escrita do *corpus* era de temas e propostas retirados do vestibular Unicamp de anos anteriores às aulas. Também é preciso dizer que as propostas partiam sempre de uma decisão inicial da professora que propunha ou um tema a ser trabalhado ou já a proposta idêntica à apresentada por ocasião de algum exame vestibular. No caso de escolha só do tema, a escolha do gênero ficava por conta do aluno, o que permitiu discutir a escolha do gênero relacionada ao estilo do autor, em outros trabalhos realizados.

Podemos supor que a professora resolveu levar em conta a proposta da Unicamp em seu trabalho. Conforme Abaurre et alii (1993:22) apontam,

*A carta argumentativa não é um tipo de texto que tradicionalmente tenha sido exercitado ao longo da sua formação básica. Exceituando-se alguns exercícios recentemente introduzidos nas aulas de redação, diretamente inspirados nessa proposta (...), exceituando-se esses poucos casos, raramente, ou nenhuma vez, você teve de se aventurar em tarefas dessa natureza.*

O fato, portanto, de ocorrer uma única situação de escrita de um gênero que não é tradicionalmente trabalhado pela escola provocou o interesse em analisar esses textos que, de alguma maneira, deverão refletir a construção que os diferentes autores fazem do gênero proposto.

No caso da situação de escrita de cartas, a proposta apresentada foi idêntica à que havia sido feita no Vestibular Unicamp de 1993, que transcrevo abaixo:

***Comentando o noticiário relativo às manifestações da juventude no período em que se discutia a possibilidade de impeachment do Presidente Collor, o Sr. E.B.M. enviou ao jornal Folha de São Paulo a seguinte carta:***

*É irritante ler, nas últimas semanas, a cobertura das manifestações contra o poder central por parte da 'juventude'. Excluindo qualquer juízo de valor sobre o processo, o que se deve ter como verdade é que é extremamente fantasioso se admitir que a nossa juventude tenha toda essa capacidade de percepção. É notória a cretinice da juventude brasileira. O 'Zeitgeist', o espírito da época, submerge a atual geração num mar de hedonismo\*\* e irresponsabilidade. É lindo fazer revolução com tênis Reebok e jeans Forum. O que eu gostaria de ver mesmo é como essa juventude vagabunda, indolente e indisciplinada como a brasileira se portaria diante de um grupo de choque, como nos confrontos que ocorrem em Seul.*

***(E.B.M., Painel do Leitor, Folha de São Paulo, 01.09.92)***

***\*zeitgeist – termo alemão que significa espírito da época.***

***\*\*hedonismo – [prática da] doutrina que considera que o prazer individual e imediato é o único bem possível.***

***A leitura atenta da carta do Sr. E.B.M. permite identificar algumas de suas opiniões sobre jovens, expressas mais ou menos diretamente. Para escrever sua redação, siga as seguintes instruções:***

***INSTRUÇÕES GERAIS***

---

<sup>3</sup> Estou lendo, nessa publicação, a denominação *tipo de texto* como equivalente aos gêneros escolares acima mencionados. No entanto, concordo com Silva (1999) na distinção que apresenta entre gênero do discurso e tipo de texto.

- *identifique três das opiniões emitidas pelo Sr. E.B.M.;*
  - *transcreva-as na sua folha de redação;*
  - *após ter feito isso, escreva uma carta, dirigida ao Sr. E.B.M., apresentando argumentos para convencê-lo de que está equivocado. Neste exercício de argumentação, você deverá discordar, portanto, das opiniões que identificou na carta.*
- Atenção: ao assinar a carta, use apenas as iniciais de seu nome*

O *corpus* aqui analisado compreende, pois, 14 textos, considerando-se que 4 autores fizeram duas versões de seus textos e os demais alunos (6) fizeram uma versão. A análise aqui apresentada refere-se à relação entre o gênero textual e o estilo individual, comparando-se os 10 autores, buscando-se as marcas individuais de estilo ao desenvolverem um mesmo gênero discursivo – a carta. As diferenças entre as duas versões, nos quatro casos existentes, serão tematizadas somente na medida em que forem significativas para as questões apresentadas.

Início a discussão com algumas reflexões sobre o gênero que, no caso deste *corpus* analisado já foi apresentado aos alunos como a única opção – diferentemente da situação do exame vestibular, conforme acima mencionado. Podemos supor que o gênero carta, embora não seja tradicionalmente ensinado em aulas de Língua portuguesa, seja relativamente familiar aos alunos desta 3ª série, já que é um gênero de circulação em diferentes esferas da atividade humana. Por outro lado, essa suposição não é tão simples, pelas próprias características do gênero carta, que carrega uma heterogeneidade a depender das diferentes situações sociais em que é produzido. Se, por um lado, poderia ser considerado um gênero secundário (cf. Bakhtin), mais relacionado à escrita e constituído em situações de maior formalidade, pode também ser considerado um gênero primário, constituído em uma situação verbal espontânea, a depender especialmente do interlocutor. Essa seria uma primeira heterogeneidade possível de ser encontrada nas cartas do *corpus*: tendo em vista que o interlocutor é apresentado como um Sr., que critica a juventude e que dela se distancia, como essa imagem do interlocutor interfere na construção do gênero quanto à formalização e padronização do mesmo?<sup>4</sup> Conforme Bakhtin aponta, a cada gênero corresponderiam uma forma de composição e um estilo. Esse estilo pode ser modificado pelos estilos individuais, a depender do gênero, já que haveria gêneros mais flexíveis, nos quais a individualidade do sujeito seria mais facilmente manifestada (como os gêneros da comunicação oral e os literários) e gêneros menos maleáveis, mais estereotipados, nos quais seria menos provável a manifestação da individualidade. No caso das cartas, o que aconteceria? Serão cartas formais, próximas a um texto argumentativo escrito ou serão por eles vistas como um espaço de argumentação mais próximo de uma conversação?

Em segundo lugar, deve ser considerado que a carta proposta nesta situação é uma carta argumentativa, o que significa, de alguma maneira, também restrições ao gênero, ou seja, não é qualquer carta, não é uma carta solicitando ou fornecendo informações, por exemplo. Os alunos vão construir textos em que seja dada ênfase às argumentações (que é o que, de uma certa forma, é esperado na avaliação do exame vestibular).

---

<sup>4</sup> O trabalho de Anna Carla de Oliveira Dini (bolsista de I.C. do Projeto Integrado) discutiu a construção da imagem do interlocutor pelos autores das cartas, destacando, da carta do Sr. E.B.M., as pistas que ele fornece e que são retomadas pelos autores das cartas ao se dirigirem a esse interlocutor específico.

Desse modo, um espaço privilegiado de escolha e de possibilidade de manifestação das individualidades seria a seleção dos argumentos a serem apresentados. No entanto, sabemos que todos os autores deverão posicionar-se contra as opiniões do Sr. E.B.M. Sabemos também que várias dessas opiniões são contra a juventude. Restam analisar quais os argumentos apresentados contra aqueles que o Sr. E.B.M. apresentou. Serão a negação dos já apresentados? De que ordem são os novos argumentos?

Retomo aqui alguns aspectos do enunciado apresentado na proposta, ao encaminhar a escrita, discutindo como as possibilidades de escolhas vão sendo restringidas ou direcionadas a partir desse enunciado. Em primeiro lugar, é dito que, na carta do Sr. E.B.M. há opiniões sobre jovens, expressas mais ou menos diretamente e é solicitado ao escritor que, antes de iniciar a sua escrita, identifique três das opiniões emitidas pelo Sr. E.B.M e transcreva-as na sua folha de redação. Ao dizer que as opiniões são sobre jovens e ao solicitar que sejam destacadas três dessas opiniões, o enunciado orienta a leitura e a escrita do autor da carta-resposta: primeiramente, em sua leitura, vai buscar opiniões sobre jovens (note-se que não é dito que são opiniões contra os jovens) e vai destacá-las. Em sua escrita, muito provavelmente vai retomar as opiniões sobre os jovens, em sua argumentação.

Em seguida, é solicitado que o autor escreva a carta apresentando argumentos para convencer o interlocutor de que está equivocado, enfatizando que o autor deverá discordar, portanto, das opiniões que identificou na carta. Ora, essas indicações permitem-nos imaginar que muitas das cartas escritas nessa situação vão conter, em sua argumentação, uma discordância dos autores das mesmas a respeito dos três argumentos por eles destacados, argumentos estes que expressam opiniões sobre os jovens, que são, em sua maioria, os autores das cartas-respostas.

Como vemos, algumas possibilidades de escolhas estão praticamente eliminadas, como por exemplo, a possibilidade de o autor concordar com o Sr. E.B.M., ou de concordar parcialmente e discordar parcialmente. Além disso, pode-se imaginar que pelo fato de já ser dito que o autor deverá discordar das opiniões apresentadas na carta, a argumentação a ser apresentada poderá estar baseada simplesmente na negação dos argumentos inicialmente apresentados, ou seja, pode ser que simplesmente contrargumentem em relação ao que o Sr. E.B.M. diz. De qualquer modo, o gênero é dado e a direção da argumentação também. Pelo exposto até aqui, a tendência mais provável a um leitor/analista das 10 cartas do *corpus* é fazer uma leitura das mesmas esperando encontrar cartas muito semelhantes, com argumentos quase idênticos, nos quais estariam presentes os argumentos apresentados pelo Sr. E.B.M. e uma contra-argumentação aos mesmos. No entanto, nosso interesse é buscar as brechas a esse movimento, ou seja, procurar as diferenças em meio a essas prováveis semelhanças. Esse é o desafio ao pesquisador que pretende encontrar o estilo individual em meio a essa tendência homogeneizante. Assumindo a definição de gêneros como *tipos relativamente estáveis de enunciados*, é na estabilidade relativa que se pode ver a manifestação individual na construção dos gêneros.

Supomos, então, que um espaço de escolha e de possibilidade de manifestação das individualidades relaciona-se aos argumentos apresentados, sabendo que todos os autores deverão posicionar-se contra as opiniões do Sr. E.B.M e que várias dessas

opiniões, contra as quais os nossos autores se posicionam são contra a juventude. Restamos analisar quais os argumentos apresentados contra aqueles que o Sr. E.B.M. apresentou.

Uma leitura transversal das cartas permite-nos apontar três estratégias básicas de argumentação que são utilizadas pelos autores dos textos e as diferenças estilísticas são resultantes da manipulação dessas estratégias pelos diferentes autores:

1. retomada dos argumentos do Sr. E.B.M., parafraseando-os, questionando-os, negando-os, usando-os para outros fins; são situações que tomam o texto da carta como ponto de partida e estabelecem uma relação intertextual mais explícita com esse texto, desde a citação explícita até a retomada de termos.

2. apresentação de argumentos novos, através de basicamente duas possibilidades que são exploradas pelos autores:

- argumentos favoráveis à juventude
- argumentos de crítica ao Sr. E.B.M.

3. conclamação ao interlocutor para que se una aos jovens, geralmente como finalização dos textos.

Neste trabalho é apresentada a análise da **primeira estratégia** mencionada, que trata de uma contestação. As afirmações feitas na carta original serão refutadas, os autores mostrarão oposição aos argumentos apresentados. Também considerada como uma contra-argumentação, essa estratégia é utilizada para rebater as opiniões apresentadas. Na situação de escrita aqui analisada, é de se esperar que seja uma estratégia freqüentemente utilizada pelos autores já que as cartas são *respostas* a uma outra carta, que se caracteriza por apresentar opiniões polêmicas e principalmente provocadoras, especialmente para os jovens. Nossa atenção estará voltada basicamente para as diferentes possibilidades de exploração dessa estratégia pelos dez autores.

Início com o texto de Lu., que se caracteriza por retomar o texto original de E.B.M. e comentá-lo, mencionando até a sua leitura das partes da carta de E.B.M. e as impressões nele provocadas<sup>5</sup>:

*Prezado Senhor E.B.M.*

*Durante a leitura que fazia da Folha de São Paulo pude ter acesso a certas críticas feitas pelo senhor, e como sou jovem, pude "sentir na pele" o que significariam aquelas palavras.*

*O que me deixou espantado, foi ter lido o seguinte trecho "... É irritante ler, nas últimas semanas, a cobertura das manifestações contra o poder central por parte da juventude..."*

*Pelo o que pude entender, o senhor acha um absurdo as manifestações feitas pelos jovens, mas deveria pensar um pouco, e ver que o Brasil está nas mãos dos jovens, são o futuro do amanhã, que serão eles que comandarão este Brasil, o qual está precisando de uma grande reforma, então não só tem direito mas como obrigação de também lutar por um poder correto que levante o país.*

*E o que me deixou intrigado foi quando li estas palavras: ... "É notória a crença da juventude brasileira. O 'Zeitgeist', o espírito da época submerge a atual geração num mar de hedonismo e irresponsabilidade..." Você está julgando irresponsáveis os jovens, mas são muito mais responsáveis em assumir os próprios erros que muitas pessoas que se dizem responsáveis. São responsáveis em assumir os manifestos por um Brasil melhor, e se são julgados*

---

<sup>5</sup> As cartas estão transcritas exatamente como foram produzidas, ou seja, não foi realizada correção alguma nas mesmas.

irresponsáveis, deveria ver que herdaram os próprios erros do povo, pois são o espelho da sociedade.

*E me deixou perturbado foram estas palavras "...O que eu gostaria de ver, mesmo, é como essa juventude vagabunda, indolente e indisciplinada como a brasileira se portaria diante de um grupo de choque..." Como nos chamara de vagabundos, se trabalhamos muito para desenvolver e estudar, para ter dias melhores, e se não trabalham é porque tá falta de emprego, não só para eles mais para todos. Seríamos muito mais corajosos em enfrentar de cabeça erguida uma tropa de choque que muitas pessoas, pois estaríamos derrubando o suor dos corpos por este país, e seriam tão disciplinados, que poderiam ver o que realmente está acontecendo, com este pa'si e poder fazer alguma coisa por ele.*

*Senhor E.B.M. gostaria que o senhor percebesse que o Brasil está nas mãos dos jovens, não só o Brasil mais o mundo, pois são o futuro do amanhã, e que ao invés de ficar se confrontando com palavras, se unissem e dessem as mãos, para lutar por um dia melhor, pois aí sim "todas as pessoas" que formam o Brasil, estariam lutando por um país digno e responsável. Atenciosamente,*

L.F.L.

Dentre os dez textos analisados, este é o que mantém a característica de se referir mais explicitamente à carta de E.B.M.. Na realidade isso o distingue dos demais que também retomam os argumentos de E.B.M. para refutá-los. Lu. utiliza basicamente a mesma estratégia durante todo o texto: menciona parte do texto lido, diz qual a sensação que essa leitura lhe provocou, parafraseia o texto interpretando-o e rebate-o, utilizando argumentos de defesa dos jovens. Ilustro essa estratégia com uma parte do texto:

*O que me deixou espantado foi ter lido o seguinte trecho: "É irritante ler, nas últimas semanas, a cobertura das manifestações contra o poder central por parte da juventude...". Pelo que pude entender, o senhor acha um absurdo as manifestações feitas pelos jovens, mas deveria pensar um pouco e ver que o Brasil está nas mãos dos jovens, que são o futuro do amanhã, que serão eles que comandarão este Brasil...*

Esse texto se diferencia dos demais justamente por ter uma organização em que se repete a mesma estrutura de organização dos parágrafos, que iniciam com a expressão do leitor diante de alguma manifestação de E.B.M.: *O que me deixou espantado... E o que me deixou intrigado..., E me deixou perturbado...*, seguidas de citações da carta de E.B.M., que são refutadas através da negação das mesmas ou da apresentação de características positivas relacionadas aos jovens<sup>6</sup>. O final do texto é construído com uma estratégia utilizada por outros autores: conclamação de E.B.M. à luta e exaltação do país. Pode-se dizer que este autor privilegia, em seu texto, a utilização da primeira estratégia acima mencionada, não desprezando, no entanto, as demais.

Um outro aspecto a ser observado em relação a esta primeira estratégia – de resposta mais direta aos argumentos do Sr. E.B.M. é a seleção dos argumentos. Lembro que, no enunciado da questão, era solicitado ao aluno que selecionasse *três opiniões emitidas pelo Sr. E.B.M.*, o que pode ter levado os autores a apresentarem, em seus textos, contra-argumentações a três opiniões. Cabe mencionar aqui que apenas três dos alunos cujos textos aqui analisamos apresentam (pelo menos na folha que foi entregue

---

<sup>6</sup> Embora não esteja discutindo aqui as observações que a professora anotava nos textos, neste caso há o seguinte comentário: "Essa forma está repetitiva em seu texto. Varie um pouco". Pena a professora não ter analisado a repetição.

ao professor) as três opiniões solicitadas. No caso de Lu., não houve a identificação das três opiniões antes de iniciar seu texto. No entanto, pela própria organização de seu texto, foram selecionadas três críticas aos jovens:

- as manifestações contra o poder central por parte da juventude (2º e 3º parágrafos)

- a cretinice da juventude brasileira, provocada pelo 'Zeitgeist', o espírito da época, que provocaria hedonismo e irresponsabilidade (4º parágrafo)

- a juventude é vagabunda, indolente e indisciplinada e provavelmente se intimidaria diante de um grupo de choque (5º parágrafo)  
que são por ela rebatidas em cada parágrafo do texto.

Outros autores retomam, de diferentes maneiras, essas e outras opiniões e as contestam. Algumas delas são retomadas em várias das cartas analisadas, como, por exemplo, a manifestação de que os jovens são vagabundos, indolentes e indisciplinados. Embora os autores se pronunciem contra essas opiniões, fazem-no de diferentes maneiras. Apresento, a seguir, alguns trechos em que os autores rebatem essa opinião de E.B.M.:

*- Se realmente a juventude fosse vagabunda, indolente e indisciplinada como o senhor a acusa, o impeachment não teria suas possibilidades de ocorrer, as coisas continuariam como estava, pois é cômodo aceitar o que está errado do que tentar modificar décadas de corrupção.(An.)*

*- Talvez se a nossa juventude fosse tão vagabunda, indolente e indisciplinada como o senhor a acusa; o impeachment não teria suas possibilidades de ocorrer e quem sabe se ela não pudesse ter essa percepção, as coisas continuariam como estão, afinal é mais fácil aceitar aquilo que está errado com um pouquinho de hipocrisia do que tentar remover décadas de corrupção.(Al.)*

*- Como o Sr pode notar, faço parte do que o Sr chama de "juventude vagabunda, indolente e indisciplinada" e como o seu discurso, começo dizendo "É irritante ler, no último noticiário, a opinião de uma pessoa que não acredita no poder de uma juventude que está indo às ruas... (Gis.)*

*- Talvez a nossa "disciplina", convertida por pessoas como o Sr em "indisciplina", receba este nome pois não está moldada conforme 10, 20, 30, 40 anos atrás, ... não se esqueça que o mundo, os pensamentos evoluíram... somos, quem sabe, nós os iluministas, liberais... com cartas diferentes? (Gis.)*

*- Como uma pessoa pode chamar os nossos jovens de vagabundos, indolentes e de indisciplinados, se os mesmos trabalham, votam, lutam pelos nossos interesses e até mesmo contribuem para o progresso da nação. (Gio.)*

*- Observando a sua carta, imagino que seja uma pessoa culta e inteligente o suficiente para entender que vagabundo não é quem clama por justiça e sim, quem rouba toda uma nação. (Ale.)*

*- O senhor pode ter filhos jovens e esses podem até ser vagabundos, insolentes e irresponsáveis, mas em hipótese alguma o senhor pode generalizar o que é exceção. (Ale.)*

*- Devo dizer ao senhor também que foi a juventude brasileira vagabunda, indolente e indisciplinada que fez com que houvesse um pouco de justiça no decorrer do processo de "impeachment" do presidente Collor, quase inacreditável, não!?. (Ma.)*

É interessante, por outro lado, observarmos um texto que não menciona explicitamente as características apontadas por E.B.M. - *vagabunda, indolente e indisciplinada* – mas que as rebate, contra-argumentando, em seu segundo parágrafo, através da descrição do que seria um jovem não-vagabundo, não-indolente, disciplinado:

*- Hoje em dia grande parte dos jovens acordam por volta de 6:00, voltando em torno de 18:30 e mal dá tempo de tomar banho e fazer um lanchinho e tem que ir a escola onde retornam e vão dormir por volta de meia noite e meia noite e meia. (Ger.)*

Uma outra opinião de E.B.M. que é contestada nos textos analisados refere-se ao fato de a juventude usar tênis Reebok e jeans Forum. Também neste caso, os autores optam por diferentes estratégias para contra-argumentar – confrontando a juventude com as pessoas mais velhas (como o Sr. E.B.M., na imagem dele formada pelos autores), relativizando a importância das grifes para os jovens, valorizando a aquisição desses produtos como resultado do trabalho do jovem, e até recusando a atribuição de que usam esses produtos. Vejamos alguns exemplos:

*- Se acredita que é irritante fazer revolução de tênis Reebok e jeans Forum; prefiro acreditar que é puro sinal da juventude, que escolhe o que quer e também tem bom gosto, coisa que o senhor talvez pela idade ou posição social não possa usar e por isso o irrita tanto. (An.)*

*- Caro Sr. E.B.M.; a juventude tem consciência da política e economia que passamos hoje e quer mais do que "sexo, droga e rock in roll", quer ter algo melhor do que simples tênis Reebok e jeans Forum... (An.)*

*- É irritante ler, no último noticiário, a opinião de uma pessoa que não acredita no poder de uma juventude que está indo às ruas... sim, ela usa calça jeans Forum, tênis Reebok, mas não tem uma cabeça oca! (Gis.)*

*- E seres reais buscam objetivos reais, sendo assim temos um objetivo, pois nossa capacidade de percepção vai muito além de saber como escolher a melhor grife. (Gis.)*

*- De fato, é muito bonito ver a geração cara-pintada exibindo seu tênis Reebok, Nike, Topper e outras marcas como fruto de suor de seus rostos, e os que não exibem, são aqueles que não têm emprego devido à política justíssima de empregos no nosso país. (Ale)*

*- Sendo assim, participei de vários manifestos contra a má situação em que o nosso país se encontra e não estava usando tênis Reebok e muito menos jeans Forum. Nem meus companheiros estavam, pois se estivéssemos nas condições financeiras em que o senhor insinua que estávamos... (Je.)*

Por outro lado, alguns autores não mencionam esse argumento, como Er., que vai compor sua argumentação a partir da valorização da consciência política do jovem, o que, indiretamente, está também respondendo às críticas feitas por E.B.M. ao jovem que aparentemente faria a revolução, pois tem privilégios pessoais, que seriam manifestados pelo uso de produtos de grife. Vejamos o texto de Er.:

*"Do Painel do Leitor do Jornal Folha de São Paulo. Favor dirigir esta carta ao Sr. E.B.M."*

*É muito triste saber que entre milhões ainda existem aquelas ( como o senhor) que, infelizmente, confiam na política e desprezam a juventude.*

*Pois é, talvez o senhor tenha se irritado tanto assim com as magníficas manifestações da juventude, porque defenda esse inescrupuloso governo que comanda o país.*

*Pelo menos, os jovens provaram que não se ligam apenas em sexo, drogas e rock. Os jovens têm olhos abertos, são muito mais espertos que muitas pessoas com longos anos de "estrada".*

*Deve ser duro ter que admitir que se desperdiçou um voto tão importante, colocando no governo uma corja de bandidos, canalhas, por falta de um pouco de ... digamos... percepção. Sim! Uma coisa é óbvia, os jovens que conquistaram o direito ao voto, certamente não colocaram no governo tal corja.*

*Jovem, hoje tem cérebro, pensa, discute, discute, briga, vai à luta! Ele não vai engolindo os "sapos" que querem enfiar-lhe pela goela abaixo.*

*A juventude não é manipulada, ela percebe quando precisa entrar em ação e dar um basta em determinadas situações. Ela não vive num mar de hedonismo, não, pelo contrário, ela saiu às ruas para gritar, por todos, um direito que lhes pertence. Os jovens satisfizeram a vontade de muitos brasileiros envergonhados e indignados, como por exemplo, você mesmo, sr. E.B.M.*

*Se fosse preciso, todos os jovens usariam fardas e enfrentariam batalhões, em defesa da Pátria, já que as "coisas", aqui no Brasil, não funcionam muito bem.*

*A "moda" de manifestações foi lançada por vocês mesmos, jovens (de outras décadas) que também saíram às ruas buscando conquistar os seus direitos, quem sabe, sr. E.B.M., o senhor não tenha sido o "cabeça" de uma dessas manifestações, e sei lá por que motivo, suas expectativas tenham sido frustradas: o que lhe causou tal rancor em relação à juventude.*

*Sr E.B.M., a juventude existe sim! E vai continuar existindo, cada vez mais forte, lutadora e sabedora de todos os seus direitos e deveres.*

*Por isso, o Sr. E.B.M., tenha orgulho dessa juventude que está garantindo o futuro do Brasil e o seu futuro também.*

E.A.I.

Outras opiniões presentes na carta de E.B.M. também são selecionadas pelos autores dos textos analisados, de diferentes maneiras. Menciono aqui essas opiniões, seguidas de alguns exemplos:

- a juventude não suportaria um enfrentamento com batalhão de choque
- se fosse preciso, usariam fardas e enfrentariam batalhões em defesa da pátria (Er.)
- tenho certeza que muitos de nós teríamos coragem e não nos calaríamos diante de uma tropa de choque... (Ger.)
- considero um erro da sua parte comparar a nossa juventude com a de outro país, como a de Seul, que foi situada... (Je.)
- Também não precisamos enfrentar grupo de choque, porque a maior força do homem não está nos músculos e sim na sua sabedoria. (Ale.)
- o senhor parece não saber que Seul se localiza na Coreia do Sul, o que significa cultura e tradição diferentes da qual temos no Brasil. (Ma.)
- a cretinice da juventude
- "Como é notória a cretinice da juventude brasileira". Como o sr. fez essa crítica aos jovens do ano de 1992, ela poderia ter sido feita na década de 60, aonde você era jovem e protestava da maneira que lhe convia. (Gio.)
- Que o chão, que o asfalto desgaste, pois continuaremos caminhando, lutando pelos nossos direitos, pois o primeiro grupo de choque já enfrentamos, ou seja, a descrença de uma parte da

*população, tal como o Sr que não acredita na força "cretina", sinônimo de vontade de vencer, de nossa juventude...(Gis.)*

Merecem destaque aqui as menções, nos textos dos alunos, a uma manifestação presente na carta de E.B.M. que repito aqui:

*O 'Zeitgeist'\*: o espírito da época, submerge a atual geração num mar de hedonismo\*\* e irresponsabilidade.*

Imaginando que os possíveis candidatos ao exame vestibular não conheceriam dois dos termos aí presentes, foi fornecido o significado dos mesmos:

*\*zeitgeist – termo alemão que significa espírito da época.*

*\*\*hedonismo – [prática da] doutrina que considera que o prazer individual e imediato é o único bem possível.*

Observando os textos, o que encontramos? Vejamos alguns exemplos:

*- Ela [a juventude] não vive num mar de hedonismo, não, pelo contrário, ela saiu às ruas para gritar, por todos, um direito que lhes pertence.(Er.)*

*- Com isso a juventude provou e continua provando que pode mudar muitas coisas; não era apenas o "Zeitgeist", mas sua opinião é errada, e revela que a juventude de hoje está bem mais alerta e participante da política e economia do país, do que as gerações passadas; (An.)*

*- A juventude provou que pode e muita coisa mudou, não era apenas o 'zeitgeist'( se por sua parte existe preferência por termos alemães). Isso prova não somente que sua opinião é errada, como revela que a juventude poderá estar mais alerta que as gerações passadas, afinal não se esconderam atrás de abreviações, pintaram "a cara" e foram tentar mudar aquilo que não estava correto, acreditaram que mudariam e foram para as ruas armados de coragem e determinação. (Al.)*

*- E seres reais buscam objetivos reais, sendo assim temos um objetivo, pois nossa capacidade de percepção vai muito além de saber como escolher a melhor grife e também, no momento a situação é tal como o Sr relatou "hedônica", ou seja, a corrupção é uma constante no mundo, que sentimos na pele...(Gis)*

*- Nem meus companheiros estavam, pois se estivéssemos nas condições financeiras em que o sr. insinua que estávamos, não precisaríamos nos preocupar com a situação do país e sim ficaríamos no hedonismo, como o senhor também citou na carta.(Je.)*

Ora os autores simplesmente negam o que E.B.M. disse, demonstrando praticamente uma colagem do outro texto, acompanhada de negação (já que estão se opondo a E.B.M.), como no caso de Er. e Al. An., além de negar, acrescenta que a opinião de E.B.M. é errada. Nesses casos, é impossível afirmar que os autores entenderam o significado dos termos adotados. Je também nega a situação apontada por E.B.M., considerando-a oposta à situação real dos jovens, o que nos permite perceber um entendimento do termo utilizado pois há uma comparação entre duas situações. Finalmente, Gis. compõe um trecho incoerente, afirmando *que a situação é hedônica* e associando essa afirmação à *corrupção constante no mundo*.

Apresento, finalmente, um texto que é precedido, em sua elaboração, pela *identificação de três opiniões emitidas pelo Sr. E.B.M.*, com o objetivo de comentar até que ponto o destaque dessas três opiniões contribuiu para a organização argumentativa do texto. Apresento aqui o texto de Gio., que vem precedido de três opiniões destacadas:

*As opiniões:*

- *irresponsáveis*
- *vagabundos, indolentes e indisciplinados*
- *cretinos*

*Ilustríssimo Sr. E.B.M.*

*Lendo sua crítica feita ao manifesto dos jovens, que na época, discutiam a possibilidade de impeachment do Presidente Collor, tenho que discordar das suas opiniões.*

*Como uma pessoa pode chamar os nossos jovens de vagabundos, indolentes e de indisciplinados, se os mesmos trabalham, votam, lutam pelos nossos interesses e até mesmo contribuem para o progresso da nação.*

*Que argumentos vossa senhoria tem para chamar os jovens de pessoas irresponsáveis? Será que é possível o estudo, os serviços prestados, a ajuda ao país, as atividades sociais não são bons motivos de responsabilidade, ou melhor, não são atos de pessoas responsáveis.*

*Sr. E.B.M. a maioria dos jovens age de forma natural e espontânea; ninguém os força a dizer ou a fazer coisas que não queiram fazer. Como o Sr. já foi jovem e também já teve vários motivos para se manifestar, não pode de jeito nenhum fazer tais críticas.*

*Críticas que não só distorcem a aparência do ser jovem, como generalizam. "É notória a crença da juventude brasileira". Como o Sr. fez essa crítica aos jovens do ano de 1992, ela poderia ter sido feita na década de 60, aonde você era jovem e protestava da maneira que lhe convia.*

*Nenhuma pessoa tem o direito de criticar pessoas pelos seus atos sem que os mesmos sejam ouvidos e tenham o mesmo direito de resposta.*

*O Sr. está enganado a respeito dos jovens e espero que o Sr. reflita bem e mude a sua maneira de pensar.*

*Agradecimentos*

*Sr. G.P*

As três opiniões destacadas são rebatidas, por Gio., em três parágrafos de seu texto: o segundo parágrafo contesta a opinião *vagabundos, indolentes e indisciplinados*, o terceiro parágrafo contesta a opinião *irresponsáveis* e o quinto parágrafo contesta a opinião *cretinos*. A pergunta que merece ser feita aqui é: até que ponto o destaque das opiniões lidas contribui para um bom desenvolvimento da argumentação no texto? Neste caso, o texto em análise é um dos que menos explora outros argumentos e fica preso à contestação dos apresentados na carta que é respondida, o que pode sugerir que a recomendação para o destaque das opiniões pode contribuir, por outro lado, para limitar a argumentação e funciona mais como uma restrição do que como exercício de exploração de possibilidades.

Um comentário final sobre a utilização dessa primeira estratégia nos textos analisados. Embora a situação de escrita e as recomendações apresentadas aos alunos por escrito restrinjam as possibilidades de escolhas por parte dos autores dos textos especialmente em relação aos argumentos a serem contestados já que serão a base das

argumentações nas cartas dos nossos autores, podemos encontrar diferenças individuais tanto nas escolhas dentre os argumentos que são retomados da carta de E.B.M., como na maneira de argumentar contra esses argumentos. Devido à situação de escrita aqui analisada, foi a estratégia mais utilizada pelos autores já que as cartas são *respostas* a uma outra carta, que se caracterizava por apresentar opiniões polêmicas e principalmente provocadoras, especialmente para os jovens.

A análise permitiu mostrar que há manifestações individuais nos textos analisados, que puderam ser apreendidas através da busca e do olhar dirigido a essas diferenças, ao invés de se proceder a uma busca de generalizações e recorrências. Embora uma primeira leitura dos textos possa conduzir um leitor a encontrar a homogeneidade, são os pressupostos teóricos e a metodologia empregados nesta pesquisa que invertem essa leitura e a tornam um trabalho instigante e revelador.

---

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAURRE, M. B. M. et alii. (1993). *Vestibular Unicamp: Redação*. São Paulo: Ed. Globo.
- ABAURRE, M. B. M. et alii. (1998). Avaliação de cartilhas e livros didáticos: perguntas a formular. Em: *Leitura: Teoria e Prática*, nº 31. Porto Alegre: Mercado Aberto. (pp.05-26).
- ABAURRE, M. B. M.; MAYRINK-SABINSON, M. L. T. & Fiad, R.S. (1997). *Cenas de Aquisição da Escrita. O Sujeito e o Trabalho com o Texto*. Campinas, SP: Mercado de Letras/ALB.
- BAKHTIN, M. M. (1992). [ed. Francesa: 1974]. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- FRANCHI, C. (1987). Criatividade e gramática. Em: *Trabalhos em Linguística Aplicada*, (9): 5-45. Campinas: IEL/ UNICAMP.
- GINZBURG, C. (1968). *Miti Emblemi Spie: Morfologia e Storia*. Torino: Einaudi. Tradução Brasileira: *Mitos Emblemas Sinais: Morfologia e História*. F. Carotti (trad.). São Paulo: Companhia das Letras.
- GIL NETO, A. (1988). *A Produção de Textos na Escola*. São Paulo: Loyola.
- GRANGER, G.G. (1968). *Filosofia do Estilo*. São Paulo: Perspectiva/ USP. (Trad. De *Essai d'une Philosophie du Style*).
- PEIRCE, A. S. (1977). *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva.
- POSSENTI, Sírio. (1988). *Discurso, Estilo e Subjetividade*. São Paulo: Martins Fontes.
- ROJO, Roxane H. R. (1999). *Interação em sala de aula e gêneros escolares do discurso: um enfoque enunciativo*. Mimeo
- SILVA, Jane Quintiliano G. (1999). Gênero discursivo e tipo textual. Em: *Scripta*, Vol.2, Nº 4. PUC Minas. Belo Horizonte, MG.